

**O ENSINO DA PRODUÇÃO DE TEXTO
POR MEIO DAS INTERFACES
DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
DOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM⁷**

Priscila Figueiredo da Mata (UEMS)

priscilafdmata@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

nataniel@uems.br

RESUMO

Em abordagem fundamentada nos novos paradigmas do ensino no Brasil, este trabalho teve a intenção inicial de investigar e, finalmente, demonstrar algumas formas de utilização das interfaces de informação e comunicação dos ambientes virtuais de aprendizagem no ensino da produção de texto, tanto na graduação quanto no ensino médio. Para tanto, os tópicos foram dedicados a demonstrar os aspectos gerais dos ambientes virtuais de ensino e algumas sugestões de como trabalhar a produção textual com as ferramentas dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Por fim, foram trazidos alguns dos desafios para a implementação desse novo modelo de ensino, dentre eles a falta de suporte tecnológico, a não capacitação de profissionais para ministrarem aulas interativas, a resistência da escola em ceder a essa nova forma de ensino e a não inclusão digital dos alunos. Em que pesem todos os entraves, a busca por um ensino de produção textual inovador, deve ser um objetivo de professores e alunos, como também e, principalmente, da escola enquanto organização que visa formar pensadores. Quanto à metodologia, o trabalho pautou-se eminentemente na *revisão bibliográfica*, através do estudo de autores que tratam a questão das salas de aula virtuais.

Palavras-chave:

Ambientes virtuais de aprendizagem. AVA. Ensino. Produção de texto.

1. Introdução

A educação vem passando por mudanças no sentido de considerar o aluno como um colaborador de grande importância no processo de ensino-aprendizagem. Diante dessa nova realidade, o papel do professor também toma um novo sentido, que é de mediador do conhecimento e não detentor absoluto dele. Com essa nova estrutura de ensino-aprendiza-

⁷ Esse artigo é uma adaptação do trabalho de conclusão de curso de especialização em educação a distância, "O ensino presencial da literatura utilizando as ferramentas de informação e comunicação dos ambientes virtuais de aprendizagem", apresentado em 20 de dezembro de 2012, na Universidade Católica Dom Bosco Virtual.

gem, o ensino da produção de texto nos cursos de graduação e ensino médio presencial, deve prezar por uma nova roupagem, onde a tecnologia é uma grande aliada, através das ferramentas disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Visando apresentar algumas alternativas de ensino de texto com a presença de instrumentos de comunicação, informação e interação, tais como os fóruns, chats, vídeos, hipertexto e outros, o presente trabalho trouxe uma série de abordagens teóricas acerca da utilização dessas ferramentas no ensino.

2. Ambientes virtuais de aprendizagem no processo de ensino-aprendizagem

Para melhor compreender como o ensino presencial da produção de texto pode se valer das ferramentas de informação e comunicação dos ambientes virtuais de aprendizagem é importante trazer um apanhado geral acerca do ensino a distância, já que tais ferramentas nasceram nessa modalidade de ensino.

Como o próprio nome sugere a educação a distância (EaD) é uma modalidade de ensino onde existe um distanciamento físico e temporal entre professor e aluno. Nesse contexto de educação onde não existe o contato direto entre docente e discente, a relação de ensino-aprendizagem é mediada por tecnologias.

Alunos e professores estão em locais diferentes durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem e ensinam. Estando em locais distintos, eles dependem de algum tipo de tecnologia para transmitir informações e lhes proporcionar um meio para interagir (MOORE; KEARSLEY *apud* LOPES, 2010, p. 4).

Apesar de todos os meios de interação anteriormente utilizados para a interconexão de professores e alunos no ensino a distância, tais como as correspondências, o rádio e a televisão, não há como negar que com a expansão do acesso à internet, a educação a distância difundiu-se em larga escala.

Com as facilidades de acesso à rede mundial de computadores a educação a distância deu saltos consideráveis, tomando um importante lugar no ensino brasileiro. Com essa nova realidade de ensino, facilita-se o acesso ao ensino superior para aquelas pessoas que não dispõem de tempo para frequentar uma universidade tradicional, ou que preferem a

flexibilidade que a educação a distância propicia.

Sendo assim, o computador surge como um expoente para a construção de um ensino que, embora seja presencial, disponha das tecnologias importadas do ensino a distância.

[...] um catalisador de uma mudança do paradigma educacional. Um novo paradigma que promove a aprendizagem ao invés do ensino, que coloca o controle do processo de aprendizagem nas mãos do aprendiz, e que auxilia o professor a entender que a educação não é somente a transferência de conhecimento, mas um processo de construção do conhecimento pelo aluno, como produto do seu próprio engajamento intelectual ou do aluno como um todo. O que está sendo proposto é uma nova abordagem educacional que muda o paradigma pedagógico do instrucionismo para o construtivismo (VALENTE, *apud* LOPES, 2010, p. 27).

Como se observa da citação acima, o novo paradigma de ensino coloca o controle do processo de ensino-aprendizagem nas mãos do corpo discente, e isso se deve em muito às várias possibilidades que o computador oferece, e mais especificamente às diversas ferramentas contempladas nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Representando a sala de aula tradicional, o ambiente virtual de aprendizagem é o espaço onde existem recursos para os alunos fazerem atividades, terem acesso a aulas ao vivo e gravadas, participarem de fóruns de discussão e tirarem suas dúvidas por meio dos chats. A valorização da participação do aluno consiste em torná-lo mais independente e ousado, usando, para tanto, as interfaces constantes em sua sala de aula virtual.

A fim de organizar ferramentas de interação com a finalidade específica de contribuir para a construção do conhecimento, é que existem os ambientes virtuais de aprendizagem – AVA, que não são simples páginas da internet, mas verdadeiros centros preparados para que os estudantes possam discutir e construir conhecimento. Nos AVA, costumam ser disponibilizados recursos de comunicação simultânea (chats) e de comunicação assíncrona (fóruns), sem a necessidade de que todos estejam conectados ao mesmo tempo, além de espaços específicos para recados, orientações de estudo, biblioteca virtual etc. (SANTOS, 2010, p. 04).

Ocorre que em razão de a educação ter novos paradigmas, onde se busca aproveitar o potencial do aluno, através de um estímulo à sua participação efetiva na construção do conhecimento, as ferramentas constantes em um ambiente virtual de aprendizagem começam a adentrar as salas de aula presenciais.

Os recursos que antes eram restritos às salas de aula virtuais, hoje

passam a ter um importante papel no ensino presencial. Isso porque, os atuais objetivos da educação não são mais os de um ensino restrito a determinada disciplina, mas sim de um ensino global, onde as matérias são estudadas de forma interdisciplinar e visando formar alunos com uma visão de mundo bastante ampliada.

Como se observa, os recursos dos ambientes virtuais de aprendizagem têm importante papel tanto para a inclusão digital do aluno, quanto para alargar os debates tidos em sala de aula, já que esses ambientes de aprendizagem dispõem de interfaces de comunicação síncrona e assíncrona que possibilitam a inserção de aulas presenciais mais dinâmicas e interativas.

3. *Sugestões para a utilização das ferramentas dos ambientes virtuais de aprendizagem no ensino presencial do texto*

Apesar de existir a modalidade de bacharelado, a graduação em letras na maioria das vezes forma turmas de licenciatura, ou seja, essa graduação tem por escopo formar professores. Esses profissionais da sala de aula estarão habilitados para ministrar a língua portuguesa, e via de consequência, a produção de texto.

Trabalhando em sala de aula como profissionais das letras, os outrora graduandos colocarão em prática toda a bagagem adquirida no seu processo de graduação. Assim, os cursos de graduação em letras devem cumprir seu papel de romper com um ensino tradicional, onde professores e alunos possuem lugares opostos no polo de ensino-aprendizagem, para formar professores com uma mentalidade focada no ensino colaborativo.

As interfaces dos ambientes virtuais de aprendizagem visam minimizar a relação de hierarquia entre docente e discente e, colocar o professor muito mais como um mediador do que um detentor absoluto do conhecimento. Assim, a produção de texto deve ser pensada como uma disciplina que vai tornar o aluno mais crítico e desejoso de galgar seu conhecimento de forma mais independente.

Nesse contexto de valorização do ensino colaborativo, deve-se primar pela interação, ludicidade, discussão e busca de alternativas que tornem a produção de texto uma matéria atraente e realmente formadora de profissionais críticos.

Assim como em cursos na modalidade a distância, os cursos presenciais podem criar ambientes virtuais de aprendizagem e dessa forma, usar suas ferramentas para que as aulas sejam mais interativas.

Com relação à interação, uma proposta que favorecerá um ambiente acadêmico com discussões e debates é a criação de grupos de estudo e produção textual. Cada grupo pode ficar responsável pela criação de determinado tipo de texto: dissertativo, descritivo, narrativo. A disposição de cada grupo pode ser feita pelo professor, que se encarregará ainda de delimitar o tema de cada um.

A ferramenta fórum café, pode ser utilizada para que os grupos marquem reuniões para discutir seu trabalho. Marcado o dia e horário para a elaboração da pesquisa, os alunos podem se valer da interface chat para discutirem de forma síncrona os pontos necessários para a apresentação.

O professor que promove estudos nessa vertente está favorecendo a formação de profissionais das letras que valorizam o estudo em equipe e, que sabem respeitar as diferentes concepções que cada pessoa traz, mesmo tendo sua própria opinião acerca de determinado assunto. O educador que em sua graduação teve a oportunidade de conviver com linhas de pensamento diferentes, terá condições de mediar uma aula onde cada aluno tem diferentes pontos de vista.

Após a elaboração em conjunto do trabalho acadêmico, o produto final de cada equipe pode ser disponibilizado na ferramenta fórum. Nesse momento é hora de estender a discussão do grupo aos demais participantes da turma. Essa interação favorecerá o conhecimento de todos os textos explorados pelos grupos, bem como poderá trazer um debate mais amplo, com a participação de todos.

Abaixo, consta ainda sugestão para a utilização do chat nas aulas:

O educador pode utilizar o chat como meio para reunir-se com os grupos de estudo e orientá-los em suas atividades. Pode usar o chat para a retirada de dúvidas ou realização de atividades de perguntas e respostas rápidas, como um jogo para a turma.

O chat também pode ser utilizado como fórum síncrono, no qual o educador lança uma questão e os alunos a debatem, em seguida o educador media as interações e cada envolvido pode lançar links para acesso a imagens, vídeos entre outros itens referentes ao debate (ANDRADE, 2010, p. 21).

A autora acima citada traz ainda algumas possibilidades de utilização do Fórum para que as aulas sejam mais dinâmicas:

[...] os fóruns são amplamente utilizados, sempre seguindo um padrão básico: o educador lança uma pergunta ou propõe a leitura de um artigo e os alunos discutem suas considerações. É possível realizar também atividades de pesquisa e postagem de links, nas quais os alunos podem ver o que os demais colegas pesquisaram e comentar suas considerações. Outra atividade interessante seria enviar nos e-mails de cada aluno trabalhos que eles devem realizar em determinado tempo (uma atividade por aluno, mas todos recebem a lista completa e iniciam a atividade a partir do primeiro item), em seguida devem postar os resultados no fórum, quando um aluno realizar uma atividade, os demais devem continuar o próximo item da lista. No final será possível ver diversas tarefas realizadas cada uma por um aluno diferente [...] (ANDRADE, 2010, p. 22).

Das sugestões trazidas por Daniele Navarro Dias Andrade, verifica-se que tanto o chat quanto o fórum são elementos que devem ser utilizados de forma a gerar a interação entre a turma. Destarte, ao trabalhar a produção de texto, o professor deve incentivar a leitura, como não poderia deixar de ser, e a socialização daquilo que foi pesquisado por cada aluno, de forma a gerar o constante debate na turma.

O incentivo da leitura de clássicos em quadrinhos é também uma ferramenta que se coaduna com a novel proposta de ensino da produção de texto.

Atualmente sabe-se que as histórias em quadrinhos (HQ) têm sua importância na formação de leitores. Por esse motivo, muitos clássicos da literatura nacional têm a versão em quadrinhos.

[...] a utilização dos quadrinhos já sofreram preconceitos, mas hoje, os tempos são outros.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNED), e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) já os contemplam e destacam sua importância ao sugerir o trabalho com diversas mídias em sala de aula. Em 2007, dez anos depois da criação do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), as histórias em quadrinhos (HQs) finalmente foram incluídas nos acervos distribuídos a bibliotecas escolares. Foram 14 livros naquela edição e outros 16 em 2008. Em 2009, as HQ já representam 4,2% dos 540 títulos listados pelo programa (ALMADA, 2012, p.148).

O graduando que recebe essas informações tem a possibilidade de repassar isso a seus futuros alunos em sala de aula, e dessa forma, trazer um novo método de ensino, onde o lúdico, a interação e a busca do aluno são valorizados.

Esses clássicos da literatura na versão em quadrinhos podem ser trabalhados de forma conjunta com a obra original. O aluno da graduação pode fazer esse estudo comparativo das duas versões, para conhecer um

pouco mais sobre a arte sequencial, que futuramente será trabalhada com seus alunos, sem deixar de lado a apreciação da versão original.

O professor pode ainda propor atividades no sentido de trabalhar como esse aluno planejaria uma aula com o misto “história em quadrinho e versão clássica”.

Segue, abaixo, uma sugestão de trabalho dos clássicos em quadinhos trazida por Barbara Almada (2012, p. 153):

Uma forma adequada da utilização dos quadrinhos nas aulas de português é fazer um trabalho conjunto com o conteúdo programático desta matéria e os recursos encontrados nos quadrinhos. Por exemplo, o professor sugere a leitura do livro *O Alienista*, de Machado de Assis, comenta com a sala de aula e depois mostra como aquilo foi retratado nos quadrinhos, fazendo um estudo comparativo, buscando através dos recursos da arte sequencial as interpretações visuais que na obra clássica só se construíram mentalmente, pois a leitura dos quadrinhos favorece um desenvolvimento mais harmonioso entre as tarefas de analisar racionalmente e o trabalho de ler o mundo com sensibilidade.

Após fazer esse estudo comparativo da obra em quadrinhos com a versão original, o professor pode sugerir a produção de um texto argumentativo acerca da questão, e sua postagem no ambiente virtual de aprendizagem usado pela turma. Na sequência, pode-se abrir um debate acerca dessa questão através do fórum.

Pode-se ainda trabalhar as histórias em quadrinhos com ênfase na sociolinguística. Nesse sentido, o educador irá, através da observação da linguagem utilizada pelos personagens das HQ, conscientizar os seus alunos de que existem variações da língua. Abaixo, segue o exemplo de uma aula ministrada com esse viés.

A professora escreveu no quadro balões com as falas bem caracterizadas do Chico Bento, Cascão, Franjinha e Cebolinha e pediu para que os alunos adivinhassem quem eram os personagens falantes. Os alunos não tiveram dúvidas e acertaram.

Ao serem perguntados sobre o que na fala dos personagens marcava as características dos personagens, um aluno falou que a atividade tinha sido fácil porque o Chico Bento falava como “menino da roça”, o Cebolinha trocava o “R” pelo “L”, a Mônica era agressiva, o Franjinha era “CDF” e o Cascão não gostava de tomar banho.

A professora perguntou mais sobre a fala dos personagens, até que um aluno falou que o Chico Bento e o Cebolinha falavam de maneira errada e a Mônica, a Magali, o Franjinha e o Cascão, não.

[...]

A professora perguntou se ela corrigisse as falas do Chico Bento e do Ce-

bolinha, estórias teriam graça. Os alunos disseram que não, porque eles ficaram comuns como qualquer outro personagem.

[...]

E continuou a fazer perguntas:

[...]

Se a Magali viajasse para o Rio de Janeiro e, em um restaurante pedisse para comer mandioca ou macaxeira, ela seria compreendida? Ela teria falado de maneira errada? Falar “aipim” é falar mais certo do que falar “mandioca” ou “macaxeira”? (BARROS, 2012, p. 274-275).

Na sequência da atividade apresentada por Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (2012, p. 275), a proposta é a criação de um texto em que os alunos irão apontar suas impressões e opiniões acerca das falas dos personagens debatidos. O produto final dessa aula pode ser disponibilizado no ambiente virtual de aprendizagem da turma, para que todos os alunos leiam os textos dos colegas.

O ensino da produção de texto não pode ainda, dispensar as análises das obras literárias. A elaboração de resumos e resenhas é importante no sentido de tornar o aluno da graduação em letras capacitado para discussões sobre as obras.

Como a proposta do presente trabalho é uma educação que rompa com as concepções tradicionais, o texto linear pode ceder, nesse sentido, lugar para o texto não linear. Destarte, os graduandos podem elaborar hipertextos para além de trabalhar a escrita e seus potenciais quanto à análise de uma obra, conhecerem essa modalidade de texto na era digital.

Esses hipertextos produzidos pelos graduandos podem ser disponibilizados no ambiente virtual de aprendizagem para que todos os membros da turma tenham acesso. Com esse método, trabalha-se a capacidade de cognição do graduando, que terá que inserir *links* que sejam relevantes para a construção do texto, de forma a torná-lo coerente e coeso.

Outro recurso audiovisual que pode ser utilizado no ensino do texto é o vídeo. Esse elemento além de trabalhar a criatividade do aluno, traz nele uma habilidade imprescindível na sociedade atual, que é a competência para gerir as tecnologias.

Sobre a utilização de vídeos, Daniele Navarro Dias Andrade (2010, p. 28) considera que:

O educador pode optar por realizar a aula somente apresentando vídeos, ou sugerir pesquisas aos alunos. Pode avaliar os alunos por meio dos comentá-

rios que os mesmos postaram em determinados vídeos da ferramenta ou mesmo criar um canal para a turma, possibilitando a criação de diversos vídeos no decorrer do ano e postagem na ferramenta, formando um grande acervo.

Como se observa infinitas são as possibilidades de trabalhar a produção de texto (tanto na graduação quanto no ensino médio) com as ferramentas dos ambientes virtuais de aprendizagem. O presente trabalho não visa esgotar as possibilidades, mas trazer algumas sugestões de aplicação de um novo método de ensino, onde a tecnologia é utilizada para a formação de profissionais mais aptos a encarar a realidade da sociedade da informação.

4. Desafios para o novo modelo de ensino de produção de texto

Muitos são os desafios que permeiam a atividade do professor. Esse profissional se depara cotidianamente com a falta de estrutura nas escolas, com a violência, a escassez de programas de capacitação e atualização, enfim, uma série de fatores que tornam o ensino algo desafiador.

Quando se leva em consideração que os professores são, na maioria, imigrantes digitais e que têm a incumbência de ensinar os nativos digitais, os desafios parecem muito mais alarmantes. Sobre a questão, João Mattar faz as seguintes colocações:

Nossos professores, imigrantes digitais falam uma linguagem desatualizada (aquela da era pré-digital) e estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem inteiramente nova. O currículo tradicional inclui leitura, escrita, aritmética e raciocínio lógico, dentre outros conteúdos, enquanto o currículo do futuro deveria incluir também software, hardware, robótica, nanotecnologia e genoma, assim como ética política, linguagens e outras questões que os acompanham – mas quantos imigrantes digitais estão preparados para ensiná-los (MATTAR *apud* ANDRADE, 2010, p. 6).

A lição de João Mattar aponta para uma realidade na sociedade hodierna: a desatualização do corpo docente no tocante às questões tecnológicas. Diante dessa situação há uma premente necessidade de alfabetização tecnológica dos professores, conforme excerto abaixo:

O contexto social ao qual estamos inseridos não permite mais que a formação inicial de professores se esquivе do desenvolvimento tecnológico e da própria educação a distância que hoje se apresenta como outro palco de trabalho de professores, pedagogos, designers, analistas, entre outros profissionais (CARVALHO, 2010, p. 17).

Ocorre que o problema vai além da mera falta de capacitação para o uso das ferramentas tecnológicas. O que se percebe é que, apesar de

muitos professores já fazerem o uso da sala de informática com certa regularidade, em nada têm inovado com relação às aulas tradicionais.

Com efeito, não é pelo fato de se estar utilizando, por exemplo, a internet, que se está modificando a lógica tradicional, de forma a valorizar a proposta da educação colaborativa (CARVALHO, 2010, p. 18).

Diante do cenário apresentado, o que se percebe é que se torna muito importante que os cursos de graduação em letras sejam focados não apenas em apresentar todas as ferramentas constantes em um ambiente virtual de aprendizagem. O professor deve trabalhar de forma a ampliar o papel desse graduando que futuramente assumirá a posição de professor, ensinando, por exemplo, como utilizar tais instrumentos de forma eficaz e atendendo aos parâmetros nucleares do ensino colaborativo.

Outros ainda são os desafios enfrentados quando se busca pautar o ensino nas ferramentas dos ambientes virtuais de aprendizagem, a saber:

- a) Discordâncias quanto à certificação dos cursos virtuais por se questionar a valorização do conhecimento teórico sem avaliação do conhecimento prático;
- b) Falhas e limitações tecnológicas, infraestrutura de rede e velocidade de links, pela incorporação de som, vídeo e gráficos ao material didático, pois são básicos para a execução de qualquer projeto;
- c) Necessidade de disciplina intelectual, sendo que os estudantes precisam ser disciplinados para utilizar da liberdade do tempo de forma responsável;
- d) Falta de familiaridade, habilidade ou não adaptação aos recursos da Internet por parte dos alunos, pode impedir o bom desempenho do curso;
- e) Necessidade de professores capacitados devido à maneira de se trabalhar em *e-learning* ser diferente do ensino presencial (BELLONI *apud* PISTORI, 2011, p.40).

A limitação tecnológica é, sem dúvida, um grande empecilho para um uso próspero das ferramentas dos ambientes virtuais de aprendizagem no processo de ensino-aprendizagem. Apesar de as universidades contarem com um bom suporte tecnológico, através de salas de informática bem equipadas, o mesmo não acontece na maioria das escolas públicas de ensino médio.

Com efeito, apesar de os cursos de letras oferecerem um suporte adequado para formar professores com essa nova visão de ensino da produção de texto, o profissional recém-inserido em sala de aula, irá se deparar com uma realidade totalmente distinta. Muitas vezes, ele não irá contar com um aparato tecnológico eficaz para colocar em prática as li-

ções tidas em sua graduação, acerca da utilização das ferramentas dos ambientes virtuais de aprendizagem. Portanto, essa situação é um desafio ao novo modelo de ensino do texto.

Outro desafio para a implementação eficaz de um ensino de produção de texto estruturado nas ferramentas tecnológicas é a não familiaridade do aluno com os recursos digitais. Apesar da expansão da internet, não há como negar que existem muitas famílias que não têm acesso à inclusão digital.

Os alunos advindos dessas famílias encontrarão dificuldades em manejar as ferramentas propostas pelos professores. Sendo assim, mais uma vez o profissional advindo de uma graduação em letras pautada no novo modelo de ensino, terá um entrave à prática de um ensino baseado em instrumentos da era digital.

Pode ser que esse obstáculo de falta de habilidade do aluno no uso do computador seja facilmente removido em virtude de empenho da escola em proporcionar aulas de informática de qualidade. Todavia, existe um elemento a mais que pode frustrar a tentativa de implantação de um ensino de texto baseado em aparatos tecnológicos: a falta de um computador na casa do aluno.

Mesmo que o professor consiga desempenhar um ensino de texto com discussões em fóruns, chats, vídeos expositivos, leitura dos clássicos na versão dos quadrinhos com a consequente postagem no ambiente virtual de aprendizagem da turma, se o aluno não tiver acesso ao computador em sua casa, fica difícil dar continuidade ao trabalho.

Outro entrave à inserção de um novo modelo de ensino de produção de texto é a resistência das escolas a introduzir as inovações tecnológicas:

[...] escolas, enquanto instituições sociais, são muito conservadoras, resistindo sempre, às vezes com vigor, mesmo às mais tímidas tentativas de mudança da ordem estabelecida. Especialmente quando se trata da introdução de inovações tecnológicas, então a escola encontra as mais variadas maneiras de resistir. Será necessário todo um processo de sensibilização da escola. Mas essa tarefa só surtirá efeitos reais quando os proponentes da introdução do computador na educação puderem mostrar resultados reais – e isso nos traz à próxima dificuldade (CHAVES, 2004).

A exposição feita demonstra que a construção de um ensino de texto com base nas ferramentas tecnológicas esbarra em vários empecilhos. Contudo, o ensino colaborativo não pode perder força em razão

dessas problemáticas, pois essa modalidade de ensino tem importante papel na construção de profissionais de excelência, com uma visão de mundo alargada.

Deve haver uma colaboração mútua entre escola-professor-aluno, para que se busque sanar as dificuldades que aparecerão no decorrer do processo de implantação dessa modalidade de ensino.

5. *Considerações finais*

Extrai-se de todo o exposto, que a busca por uma implantação da educação colaborativa deve ser tanto de professores de universidades quanto de escola regular. Na universidade, onde serão formados os professores de letras, que conseqüentemente ministrarão aulas de produção de texto, deve haver um ensino pautado nos métodos das salas de aula virtuais, para que esses graduandos, ao se tornarem professores possam implementar aulas dinâmicas e com propostas inovadoras. No ensino médio, a importância de se aplicar aulas com os instrumentos dos ambientes virtuais de aprendizagem, se baseia no fato de que esses alunos, ao ingressarem no mercado de trabalho, precisam conhecer muito bem a tecnologia.

Os desafios para a implantação desse ensino colaborativo são muitos. A falta de suporte tecnológico, a não capacitação de profissionais para ministrarem aulas interativas, a resistência da escola em ceder a essa nova forma de ensino e a não inclusão digital dos alunos são alguns deles.

Apesar de todos os entraves, a busca por um ensino de produção de texto inovador, deve ser um objetivo não só de professores e alunos, mas principalmente da escola enquanto organismo que prima por formar pensadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Barbara. Os quadrinhos nas aulas de português e literatura. In: GOMES, Nataniel dos Santos (Org.). *Quadrinhos e transdisciplinaridade*. Curitiba: Appris, 2012.

ANDRADE, Daniele Navarro Dias. *Games, Web 2.0 e mundos virtuais em educação*. Campo Grande: UCDB/Portal Educação, 2010.

BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de. Histórias em quadrinhos e a diversidade linguística nas aulas de português. In: GOMES, Nataniel dos Santos; RODRIGUES, Marlon Leal (Orgs.). *Para o alto e avante: textos sobre histórias em quadrinhos para usar em sala de aula*. Curitiba: Appris, 2012.

CARVALHO, Adriana dos Santos Caparróz. *Trabalho docente na educação a distância*. Campo Grande: UCDB/Portal Educação, 2010.

CHAVES, Eduardo. *O computador na educação*. Disponível em: <<http://www.chaves.com.br/TEXTSELF/EDTECH/funteve.htm>>. Acesso em: 15-10-2012.

LOPES, Maria Cristina Lima Paniago. *Educação a distância: estudos introdutórios de educação a distância*. Campo Grande: UCDB/Portal Educação, 2010.

MATTAR, João. *Games em educação: como os nativos digitais aprendem*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

PISTORI, Jeferson. *Tecnologias na educação a distância*. Campo Grande: UCDB/Portal Educação, 2011.

SANTOS, Rosimeire Martins Régis dos. *A colaboração online na educação a distância*. Campo Grande: UCDB/Portal Educação, 2010.

VALENTE, José Armando. *Computadores e conhecimento: repensando a educação*. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. *Liberando a mente: computadores na educação especial*. Campinas: UNICAMP, 1991.